O que é normal em sexualidade **1**

Nelson Vitiello*

Como já foi dito e repetido incontáveis vezes, a sexualidade humana pode se manifestar - e frequentemente se manifesta - de maneira extramente polimorfa.

De fato, mesmo nas mais adversas condições e nas mais difíceis situações, o impulso sexual, um dos motores básicos da conduta humana se apresenta, ora de maneira explícita, outras vezes veladamente.

O adjetivo “normal” pode ser compreendido de várias e diferentes maneiras. Os dicionários (o Aurélio, por exemplo), definem-no como sendo o que é feito segundo a norma, o habitual, o natural. Em matemática, “normal” é a reta perpendicular à uma superfície ou linha. Em uso comum, “normal” é usado com o sentido de algo que não causa espanto, do que é usual, do que segue os mesmos padrões que a maioria das pessoas segue.

Quando se fala em atos ou pensamentos “normal”, em sexualidade, comumente se associa a imagem de algo que a maioria das pessoas faz e

* Ginecologista. Doutor em Medicina. Presidente da Sociedade Brasileira de estudos em Sexualidade Humana.
Recebido em 08.08.95

pensa, ou ainda atos que não sejam danosos a saúde de quem os pratica ou de quem os sofre. Dessa maneira a masturbação, por exemplo, seria normal na fase de adolescência e juventude, desde que praticada com moderação. Quando praticada com frequência “exagerada” por adolescentes (embora ninguém defina bem o que é esse exagero) ou por adultos e idosos, entretanto, é vista como algo de doentio, pois existe uma noção - aliás falsa - de que essa prática seja física e mentalmente perniciosa.

Quanto ao sexo praticado a dois, vejamos o que se considera normal em termos de constituição de casais. Assim, seria “normal” o casal heterossexual, em que o homem é um pouco mais velho e mais alto do que a mulher, sendo ambos aproximadamente do mesmo extrato sócio-econômico. Tolera-se, ainda que isso seja por vezes alvo de pilhérias, algumas variantes. Nesse sentido, um homem até cerca de dez anos mais velho que a mulher é ainda considerado normal; casais onde a idade do homem excede em vinte ou mais anos a da mulher são vistos com certa curiosidade, sendo sempre levantada a suspeita de que existem interesses pecuniários em jogo, mas ainda assim não são visto como pares “anormais”. Houve épocas e culturas, porém, onde as famílias julgavam perfeitamente normal e até mesmo desejável que suas filhas se casassem com homens bem mais velhos.

É no entanto absolutamente inadmissível, do ponto de vista social, a constituição de casais onde a mulher tenha diferença de idade sobre seu parceiro.

O mesmo se diga para casamentos inter-raciais. Há cem anos seria visto como algo completamente fora da norma, por exemplo, a união entre um homem branco com parceira mulata ou negra, que hoje vem sendo encarados com mais naturalidade. Embora tenham havido historicamente inúmeros exemplos dessas uniões, sempre foram elas levadas na clandestinidade e entendidas como algo de errado.

Mesmo em se considerando que em outros períodos históricos isso não tenha sido assim, podemos dizer que em nossa cultura cristã ocidental até bem poucos anos o homoerotismo foi visto como uma perversão e até mesmo como uma doença. Ainda que entre os círculos mais cultos tal visão não mais seja vigente, não se pode negar que a sociedade como um todo mesmo hoje vê nele muito de sujo, de indigno ou, em outras palavras, “anormal”.

O inverso também é verdadeiro, pois comportamentos que hoje consideramos desvios patológicos do exercício da sexualidade já foram vistos como absolutamente “normais”. É o caso de praticas homoeróticas envolvendo adultos e crianças ou adolescentes (pederastia), que era aceita e considerada normal por muitos dos filósofos gregos que cultuamos.

Como se vê, o adjetivo “normal” só tem sentido dentro de uma determinada época e num bem demarcado segmento sócio-cultural.

O fato é que o exercício da sexualidade humana se rege num complexo contexto bio-psico-social. Nossa espécie, pela aquisição de sutis características anatômicas e fisiológicas, é a única no Reino Animal a poder exercer a sexualidade fora dos limitados padrões do sexo-reprodução. Nossa sexualidade, por isso mesmo, é influenciada fortemente, além dos fatores orgânicos, por elementos sociais e emocionais. E para cada um desses três compartimentos poderíamos traçar regras de “normalidade”.

No que diz respeito ao componente orgânico do exercício da sexualidade a norma fisiológica é que, frente a certos estímulos considerados eficientes (visão, tato, olfato ou mesmo imaginação), homens e mulheres entrem num ciclo de modificações orgânicas que se convencionou chamar “Ciclo de Resposta Sexual”. Assim, frente a esses estímulos, é “normal” que homens e mulheres se excitam, tendo ereções ou lubrificações vaginais, bem como é “normal” que atingido um certo grau de excitação sobrevenha o orgasmo. O “anormal” aqui, isto é, o não cumprimento desse ciclo, é o que se convencionou chamar de “disfunção sexual”.

Quanto aos aspectos sociais do exercício da sexualidade, o normal é aquilo que foi esboçado linhas atrás, ou seja, a prática heterossexual por casais como as características descritas. O que foge à essas normas é denominado de “desvio” (como a gerontofilia e a homossexualidade, por exemplo), “parafilia” (como o sadomasoquismo) ou até mesmo de “perversão” (a necrofilia, por exemplo), embora essa nomenclatura ainda não seja bem universalizada, havendo os que denominam de “desvio” o que outros chamam de “parafilia”, e vice-versa.

É no componente psicológico do exercício da sexualidade, no entanto, que em nosso ver existem mais dificuldades em se conceituar o normal. Na verdade, para saber se nossa sexualidade está sendo normalmente exercida, deve-se responder a indagação sobre se é ela satisfatória. Estou contente com minha sexualidade? Exerço-a prazerosamente? Estou satisfeito com a frequência e com a maneira em que a exerço? Minha parceira (ou meu parceiro), por quem tenho afeto e a quem me é importante satisfazer, está feliz com esses parâmetros? A isso, a essa satisfação com o exercício da própria sexualidade, costuma-se denominar de “adequação sexual”. Quando essa adequação não existe, ou seja, quando se está insatisfeito com a prática da sexualidade, denomina-se a isso de “inadequação sexual”, que em última análise é o objeto de todas as correntes de terapia sexual, quer as de fundo orgânico, quer as de fundamentação Psicológica.

Em resumo, poderíamos dizer que o “normal” em sexualidade se resume ao satisfazer-se e satisfazer sexualmente seu parceiro ou sua parceira, desde que isso não traga riscos ou danos a si mesmo, ao (ou à) parceiro e ao meio social. Dentro desse princípio, o que cada pessoa ou cada par faz restrito de suas vidas privadas só a eles próprios interessa, cabendo a nós, como indivíduos e como membros da sociedade, respeitar as naturais e enriquecedoras diferenças que fazem do ser humano algo de tão maravilhoso.